

## Relacionamento com a realidade: finitude, universalidade e mediação no pensamento hegeliano

### RESUMO

O objetivo do texto é contribuir para um olhar acerca do pensamento de Hegel, que o aproxime da realidade. Para isto, foi escolhida a percepção enquanto categoria psicológica, que no seu texto é trabalhada na dimensão cognitiva e permite se pensar uma questão da tradição filosófica, com uma densidade significativa, a da relação entre Uno e Múltiplo, sendo aquele universal e este das propriedades sensíveis. Para isto, recorreu-se ao texto da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* de Goethe, em uma interlocução criativa com o objetivo de permitir uma melhor visualização da abstração dedutiva do pensamento hegeliano, recortando para isto os parágrafos 111 a 131 da obra dele em estudo. Os textos foram investigados partindo do destaque dos principais conceitos da *Fenomenologia* em seu excerto utilizado e sua aplicação a cenas da narrativa do romance goetheano, bem como a inserções estratégicas de comentadores de Hegel. A presente abordagem é pertinente por se tratar de uma leitura crítica de Hegel para além de um contexto reducionista de uma abstração irreal, bem como, uma contribuição com o intuito de se perceber as diferentes possibilidades de diálogos entre a filosofia e a literatura.

**Palavras-chave:** Filosofia; Literatura; Realidade; Hegel; Goethe.

### ABSTRACT

The objective of this text is to contribute for a look about the thought of Hegel, that closely matches the reality. For this, was chosen the perception while psychological category, which in its text is crafted in the cognitive dimension and allows you to think about a matter of philosophical tradition, with a significant density, the relationship between Uno and Multiple, being universal and that this sensitive

\* Doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: lucianosfacanha@hotmail.com

\*\* Doutora em Filosofia e professora da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: ziljesus@yahoo.com.br

\*\*\* Doutorando e professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão.  
E-mail: patriciofilosofia@ifma.edu.br

properties. This text was used, the *Phenomenology of spirit* of Hegel and *The years of learning Wilhelm Meister* of Goethe's in a creative dialogue with the goal of allowing a better view of the deductive Hegelian thought abstraction, cutting for this paragraphs 111 to 131 of his work in study. The texts were investigated on the highlight of the main concepts of Phenomenology in your excerpt used and its application to the narrative scenes of the novel goetheano, as well as the strategic insertions of commentators of Hegel. This approach is relevant because it is a critical reading of Hegel as a reductionist context of an unreal abstraction, as well as a contribution to further understand the different possibilities of dialogue between philosophy and literature.

**Keywords:** Philosophy; Literature; Reality; Hegel; Goethe.

## Introdução

Na tradição filosófica, o idealismo alemão geralmente é visto como um emaranhado de abstrações que se reduzem a uma interpretação da realidade, estando distantes de uma postura presentificada como no mundo contemporâneo. No entanto, Hegel (1770-1831) aparece no cenário da história da filosofia e apresenta um pensamento que se propõe objetivo; o mesmo o faz na construção de seu texto da *Fenomenologia do Espírito* (1807).

A investigação de sua *Fenomenologia* apresenta uma melhor compreensão do pensamento hegeliano sobre o movimento do Espírito em sua odisséia pela autoconsciência. Como o texto tem um perfil mais abstrato, uma interlocução com a narrativa permite uma maior compreensão de sua tecitura. Neste sentido, foi selecionado um romance filosófico que marcou o pré-romantismo do *Sturm und Drang*<sup>1</sup>, a obra *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (1795-1796).

A proposta é construir uma investigação da *Fenomenologia* de Hegel em seus parágrafos 111 a 131, nos quais fala sobre o título, *A Percepção ou: a coisa e a ilusão*. E a partir da problematização deste texto com, a extração dos conceitos que aparecem, entrecruzar trechos da narrativa dos *Anos de Aprendizagem*. Esta interlocução possibilita compreender melhor por meio de uma visualização na narrativa, a questão de como Hegel se relaciona com a realidade.

E, assim, nos voltarmos para a *ciência da experiência da consciência*, sendo possuidora das figuras singulares do Espírito. Sendo cada uma destas concebidas como totalidades de sua autoconsciência. As figuras participam de um percurso necessário do Espírito em busca de si, por ele precisar se compreender a partir de sua essência.

<sup>1</sup> Movimento romântico alemão no final do século XVIII, que teve como expoentes, Klinger, Goethe, Schiller, os irmãos Schlegel entre outros.

No Espírito, *ser e saber* se coincidem. O saber é de algo, no caso da *Fenomenologia*, busca-se um saber objetivo, portanto, efetivo. Então ser o saber de algo efetivo, é ter em cada figura, seu ser sabendo de si como efetivo. Pois, o contato destas é com a existência empírica, por acontecer na mediação da experiência dentro de si mesmo, em sua finitude, enquanto algo a ser superado, na elevação do Espírito subjetivo ao Absoluto.

Essa experiência possibilita o desdobramento espiritual, pois,

O saber absoluto, em sua efetivação como saber e ciência, é igualmente efetivação da experiência. O que constitui o negativo da experiência, no caso, é o negativo do próprio conceito, em sua dicotomia imanente entre sujeito e objeto, que é suprassumida no movimento especulativo como negação da negação. (BARBOSA, 2010, p. 126).

Esse é o caminho no qual, a certeza sensível nega a dimensão empírica em direção à percepção do universal que reside no objeto e passa a ser identificado pelo sujeito de linguagem, quando o nomeia. Neste ínterim, continua a dialética até o entendimento apresentar a unidade conceitual, não mais centrado apenas no objeto, como também no sujeito.

## Da certeza sensível à percepção

Na *Fenomenologia* Hegel inicia sua abordagem apresentando as três figuras da Consciência, a saber: a *certeza sensível*, a *percepção* e o *entendimento*. A passagem entre elas provoca a constituição da seguinte a partir das experiências da anterior.

Neste momento, cabe a questão sobre: como o objeto e o saber da percepção, categoria investigada neste texto, se constituem a partir das experiências da certeza sensível? Essa percepção tem como necessidade diferenciar o uno do múltiplo, sendo este uno percebido em sua retroatividade, na qual a consciência o encontra, e ao saber dele, o diferencia das propriedades que o compõem. E na percepção, “[...] Temos então a diferença entre o agora mostrado e o mostrar do agora, sendo que o primeiro deixa de ser quando é indicado [...]” (TORRES, 2009, p. 30-31).

No caminho das figuras, a primeira passagem que vai da certeza sensível à percepção, tem naquela o reconhecimento de que a verdade é universal. Isto mesmo diante da multiplicidade encontrada no contato imediato sensível. No entanto, este universal, que surge indicado pela certeza sensível, ainda é simples. A simplicidade aqui reside na ausência de diferenciação. Pois um instante singular no agora coincide com todos os outros.

Ora, se a certeza sensível descobriu que a verdade é universal, ela o ‘diz’ para a percepção<sup>2</sup>; sendo que nesta a universalidade, enquanto princípio é indi-

<sup>2</sup> Movimento que acontece no interior da consciência, perante si.

cada pelo Eu, que percebendo a coisidade preenhe de propriedades, captura o uno simples, sem cortes ou segmentos. O Eu indica o objeto, e ao fazê-lo, concebe-o como universal.

Mas, para alcançar a verdade do objeto, precisa reconhecê-lo como simples, no qual o movimento de negação entre suas propriedades, impossibilita o mesmo de separar-se em si mesmo. Assim, a negatividade, enquanto retorno a si, impossibilita uma diferenciação no interior do objeto.

Então o que vejo, é um fenômeno que experimenta sua negatividade no momento em que digo sobre ele; no momento em que sai de si, singular, sensível, e retorna para si universal. Assim,

[...] Como disse Hegel com uma clareza insuperável na *Fenomenologia*; por trás da cortina dos fenômenos, só existe o que colocamos lá. A negatividade, portanto, precede a positividade transcendental, a autolimitação dos fenômenos precede o que está além do limite – esse é o sentido especulativo da tese de Kant de que “a divisão dos objetos em fenômenos e númenos, e do mundo em mundo dos sentidos e mundo do entendimento, não pode, pois, ser aceite em sentido positivo”: o limite entre fenômenos e númenos não é o limite entre as duas esferas positivas dos objetos, posto que só existem os fenômenos e sua (auto)limitação, sua negatividade. No momento em que entendemos isso, no momento em que tomamos a tese de Kant no sentido negativo de “númenos” de maneira mais literal que ele próprio, é que passamos de Kant para Hegel, para a negatividade hegeliana. (ŽIŽEK, 2013, p. 126-127).

No caminho para além do pensamento transcendental, temos Hegel *efetivando o noumeno*. Pois, se o fenômeno antes de sua exteriorização se limita, é porque precede um limite, e se está antes deste, então é o mesmo númeno, em-si. Até que se mostra fora-de-si sem diferenciação entre o que é em-si-e-para-si.

Diante desta exposição, urge como problema, saber como se deu o surgimento do universal. E em termos hegelianos, tal universal emergiu do movimento no qual pôs-se perante si, enquanto singular, certeza sensível; depois retornou para si, negando a finitude em que se encontrava, portanto encontramos a negação da representação imediata sensível que este pôs de si em sua representação a si mesmo. Tendo na partida do retorno, a indicação da certeza sensível que se negava e a descoberta de que a verdade não era singular.

A mesma certeza sensível, então aponta para a percepção lhe dizendo que a verdade estava na universalidade, pois a mesma, percepção é quem poderia identificá-la para além do imediato sensível. Portanto, o universal simples nasce do movimento retroativo no qual o finito se eleva à infinitude, para além da autolimitação do fenômeno.

Meister, o personagem de Goethe, mostra este trajeto na medida em que situações vividas e diálogos realizados por ele, a fizeram encontrar para além do instante imediato sensível, o agora no qual estava imersa. Como na cena do Livro III do romance de Goethe, em que no castelo, enquanto ser-ai, vivenciava descobertas e encontros, que faziam parte da mesma trama, no agora, enquanto momento de sua vida, na conclusão de seus anos de aprendizagem.

O mundo exterior capturado pela certeza sensível tem nesta a diferenciação entre sujeito e objeto, na qual se possibilita a mediação entre estes. E a percepção acontece enquanto um momento do Eu alcança a consciência-de-si.

No Livro IV<sup>3</sup>, momentos antes de partirem do castelo do conde, o estribeiro disse que deveriam organizar logo as bagagens, pois alguns cavalos estavam disponíveis durante pouco tempo. Wilhelm pergunta sobre sua mala, e ao saber que madame Melina havia se apossado dela, Philine ofereceu uma lugar na sua mala para guardar os objetos do jovem. Ao que Melina compartilhou sobre não andarem como saltimbancos e charlatões, e que diante disto, Mignon deveria usar roupas femininas e o harpista cortar a barba. Neste ínterim Philine comentou:

O senhor conde crê que para garantir a ilusão é muito significativo que o ator siga desempenhando seu papel vida afora, mantendo pois seu caráter; daí porque era tão favorável ao pedante e considerava deveras sensato o fato do harpista não usar sua barba postiza somente às tardes no teatro, mas também ao longo de todo o dia, causando-lhe uma enorme satisfação a aparência natural desse disfarce. (GOETHE, 2006, p. 209).

A fala de Philine mostra a aparência natural, enquanto fenômeno não enganoso, sendo, antes o próprio ser pondo-se como é no disfarce. A verdade, aqui, é residente no harpista na medida em que nega ser o que naturalmente mostra, em uma autoconsciência que tem na sua exteriorização o pôr-se de si mesma.

Assim, quando a certeza sensível tenta capturar a verdade do objeto ela se depara com a multiplicidade dele, então percebe que a verdade não se reduz ao imediato, antes reside na universalidade que comporta o múltiplo. Então, é na percepção que as partes podem ser identificadas na coisidade. Por isto, que “[...] Enquanto verdade do sensível percebido, a universalidade do reino das leis tem de expressar tudo que ocorre nele [...]”. (GABOARDI, 2013, p. 104).

Então, dá-se a passagem em direção ao um saber abstrato em si, quando a mesma certeza sensível que buscava algo concreto, ao dizer sobre a coisa, cai nos braços da universalidade. Portanto, a mediação do imediato sensível, para a universalidade percebida, acontece por meio da linguagem ao se dizer sobre o objeto.

Tal dizer é realizado pelo sujeito percebente, após a ida do objeto sensível como ponto de partida. No entanto, as categorias, tanto da certeza sensível, quanto da percepção, ainda estão restritas à imediaticidade. O caminho irá nos conduzir em direção ao entendimento, algo não problematizado neste texto. Não obstante, falar da percepção possibilita pensar o universal em conexão com empírico.

Logo, ao falar sobre abstração e idealidade, Hegel não perde a concretude ou efetividade, antes parte desta<sup>4</sup>. Pois, a certeza do aqui, percebe na multiplicidade

<sup>3</sup> As personagens fazem parte da narrativa do romance e servem aqui nesta tecitura apenas como momentos de composição do enredo, servindo na medida em que se extrai do mesmo a visualização da problemática de perfil hegeliana.

<sup>4</sup> O artigo tem como objetivo apresentar esta perspectiva em Hegel.

deste, um todo do agora que o contém, na diversidade mediada em seu interior, tendo o agora nascido do movimento que media-se negativamente.

## Hegel: pensamento e realidade

Para Hegel o pensamento é a forma da realidade, e o que faz com que deixe a realidade está no existencial; é o que se denomina movimento onto-gnosiológico. Neste, acontece a reconciliação hegeliana, não apenas na superação do conflito, mas em um desvelar retroativo, no qual os dois opostos se mostram em unidade de mútua determinação, sem *a priori*. Portanto, a realização do objeto não está em uma ilusão, *Täuschung*, que ignora a divisão, o conflito, mas em não ver a unidade. Pois, no finito, não percebemos a plena realização, no entanto no infinito se dá a suprassunção da ilusão.

Como vimos, *Fenomenologia* apresenta o percurso da Consciência na descoberta de si mesma. E um dos momentos que encontramos para isto, é o da percepção, enquanto um saber sensível, por lhe dar com a questão da materialidade, enquanto algo presente na abstração.

Para nos situarmos de maneira significativa acerca da categoria hegeliana da Consciência, na qual situa-se a percepção, que como já dito é alvo desta investigação, temos o entendimento sobre o efetivo que,

[...] assim como a razão observadora repetira no elemento da categoria no movimento da *consciência*, isto é, a certeza sensível, a percepção e o entendimento – assim também esta razão [ativa] percorrerá de novo o duplo movimento da consciência-de-si, e da independência passará à sua liberdade. (HEGEL, 2013, p. 246).

Este movimento dialético de Hegel traz a percepção enquanto um dos momentos que participam do mesmo. Por meio dela, a consciência vê propriedades como participantes da pura essência enquanto coisidade. Ela percebe determinidades que não se afetam, nem se tocam, embora se interpenetrem. Trata-se de uma universalidade em cada propriedade, de uma multiplicidade percebida. Hegel chama isto de coisidade, pura essência, em seu aqui e agora, que em sua relação tem seu suprassumir, em mediatizações. Comentário já sinalizado anteriormente.

O indivíduo vê em sua consciência, o aqui que é a coisa como meio universal, tendo várias propriedades, sendo, um *também*, como coleção de “matérias”. Uma figura geométrica que representa o problema da percepção pode ser o círculo com vários itens, tomando como exemplo sensível um cubo de sal<sup>5</sup>. O círculo é um espaço ideal que comporta elementos sensíveis, uma multiplicidade na universalidade. No caso do sal, um cubo, com sabor e cor branca.

<sup>5</sup> Exemplo usado por Hegel no texto *Fenomenologia do Espírito*.

Ora o que se tem é uma essência objetiva capturada pela consciência, que pode colocar-se em um dos itens exemplificados. Assim, na linguagem, o indivíduo pode dizer que a coisa é branca, tem sabor ou mesmo forma cúbica. Isto porque, as propriedades sensíveis percebidas, enquanto multiplicidade, estão na coisidade, tendo nesta a possibilidade de capturar a existência sensível imediata da finitude aí essente.

Assim, este filósofo não está reduzido a pensar o ideal, enquanto algo que se desloca deste mundo, antes seu idealismo do agora, acontece na temporalidade do aqui. Não se encontra nesta abordagem uma potencialização no estilo aristotélico, enquanto percurso para o ato; antes se dá a divisão e conflito dentro da unidade.

A transposição deste pensamento pode se dar no âmbito da 'comunidade'. Pois, cada propriedade que está no Uno é universal, constituindo-se, portanto, a essência objetiva, o que permite torná-la, a já citada, comunidade em geral. Na obra de Goethe, o personagem Wilhelm Meister aparece vinculado a diversas comunidades em seus anos de aprendizagem.

O jovem da narrativa, Meister, pertence a uma *família burguesa* que tem no seu pai o objetivo de tornar seu filho um 'bom' comerciante. Depois, devido a experiências estéticas na infância com seu teatro de marionetes, ao chegar na juventude - apaixonado por uma bela atriz, Mariane, seu amor, com quem mais tarde teria um filho, Félix - Wilhelm Meister decidiu ser ator, e, então, após uma viagem de negócios decide participar de uma *companhia de teatro*.

A sequência acima apresentada refere-se a duas comunidades, a burguesa comercial, e a artística do teatro. Mas, sem perceber alcançará sua aprendizagem sendo conduzido secretamente em suas aventuras e situações de vida, pela Sociedade da Torre, que silenciosamente age na formação educacional de indivíduos.

Cada grupo social é uma comunidade com elementos múltiplos que apesar de suas diferentes personalidades, não se descaracterizam, nem deixam de fazer parte do mesmo lugar essencial que constitui a identidade dos mesmos. Ora, os conflitos e contradições ao se desenvolverem, promovem a experiência e autodescoberta do Eu no Outro, posto como diferente, para o Outro de si mesmo.

Logo, o problema hegeliano da percepção, alia-se a um olhar sensível, que não negligencia uma universalidade essencial. Esta compreensão permite não apenas a interpretação da realidade, mas também o suprassumir que nega o outro e também o conserva, sem as ilusões de se conceber uma idealização em Hegel desconectada com o real.

O problema travado é o da finitude, a consciência do jovem Meister estava diretamente ligada a quem ele era e não ao que desejaria ser ou mesmo acreditava que se tornaria. Suas relações são percebidas no presente e não reduzidas à reinstauração do passado como condição de compreensão.

É esta presentificação de um *também*, que anula as contradições, porque, assim como o indivíduo tem diferentes performances, jeitos e concepções sobre as várias situações da vida; é um *também* que o constitui, enquanto coisidade, em seu aspecto burguês, de ator, entre outros que traz em seu perfil. Pois,

A coisa, portanto, é para si e também para um Outro, um ser diverso i duplicado; mas é *também Uno*. Mas o ser-Uno contradiz essa diversidade. A consciência deveria, pois, retornar sobre si esse "pôr-em-um só" e mantê-lo afastado da coisa; deveria, assim dizer que a coisa, *enquanto* é para si, não é para Outro. Entretanto, o ser-Uno também compete à coisa, como a consciência já o experimentou: a coisa é essencialmente refletida sobre si. Portanto, recai igualmente na coisa o *também* ou a diversidade indifferente, assim como o ser-Uno. Mas, já que os dois diferem, não [incidem] na mesma coisa e sim em coisas diversas. (HEGEL, 2013, p. 100-101).

A respectiva citação do parágrafo 123 do texto de Hegel mostra a multiplicidade sensível sustentada dentro de uma unidade que a coisa tem ao refletir sobre si. A contradição de ser para si, portanto, em unidade, se apresenta na medida em que também é diversidade de aspectos imanentizados, atingidos pela percepção. No entanto, por serem universais em suas apreensões na consciência que os percebe; não se atacam ou mesmo dissociam-se, antes constituem o todo.

Um todo do ser, que se objetiva a partir de uma consciência, a qual se percebe diante de si, em uma interioridade. Ora, encontramos neste momento a arte romântica hegeliana, com uma forma, *Gestalt*, de apreender a verdade, pelas vias de uma subjetividade mediada em si mesma.

Cabe a correlação profícua deste jogo romântico com a personagem do texto goetheano, o jovem Meister. Ele se põe a si em si e encontra-se. O caminho para este resultado é a diferenciação entre o que este realiza de si, dos outros com os quais convivia, a comunidade.

Nesta construção textual, só é possível a identificação do pensamento hegeliano em Goethe, pelo próprio caráter concebido por Hegel de uma subjetividade livre e infinita. Caso contrário não se poderia pensar a conexão de sua dialética do Espírito na categoria da Consciência nesta personagem. Pois, tanto na reflexão quanto na poética, "[...] essa subjetividade implica essencialmente um processo de formação e de confronto com a realidade, de idas e vindas no sentido de uma *subjetividade substantiva e concreta* [...]" (WERLE, 2009, p. 188).

## Considerações finais

No percurso do texto desenvolvemos a argumentação sobre o pensamento hegeliano que não se reduz a uma idealidade indifferente ao mundo efetivo. Para isto, partimos da mediação que acontece entre as três figuras da Consciência.

A problematização residiu na categoria da percepção, partindo da certeza sensível em direção ao entendimento. A escolha da percepção se deu por ter nesta a universalidade simples, portanto, abstrata, a partir de elementos concretos e múltiplos.

Assim, trazer à luz esta discussão sobre a percepção em Hegel, amplia possibilidades de leitura sobre o caráter de atualização do pensamento deste filósofo, para além de uma crítica que considera o idealismo uma concepção de mundo indifferente aos problemas da realidade. Portanto, investigações que atualizam o pensamento hegeliano possibilitando uma leitura que identifique concretude e



efetividade neste pensador, contribui para o desenvolvimento do pensamento filosófico no mundo contemporâneo.

Para isto, tomou-se neste trabalho o caráter interdisciplinar como fundo do problema epistêmico. Assim, as áreas contempladas são a literatura e a filosofia, isso, na medida em que se considera as condições de possibilidade para a interlocução destes textos.

Neste ínterim, o diálogo entre um texto literário e uma leitura filosófica acontece nesta pesquisa recortando dois autores alemães do século XVIII, a saber, Hegel e Goethe, respectivamente da filosofia e da literatura. Em continuidade, outro elemento de delimitação desta investigação, é a categoria da consciência que em Hegel encontra seu lugar de destaque a partir da sua *Fenomenologia do Espírito* e se performatiza nas trilhas da narrativa do romance goetheano *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*.

Logo, neste levantamento revisional são considerados artigos científicos, dissertações e teses que falem sobre estes autores na abordagem panorâmica de seus pensamentos, na interlocução entre eles e na perspectiva de um diálogo estético. E em destaque, foram analisados textos que contemplem a categoria da consciência em Hegel.

Assim, os textos almejados são localizados a partir da aproximação de uma dimensão pedagógica que propõe olhares diferentes de análise entre áreas do conhecimento, a partir de um horizonte interdisciplinar. Entre os mesmos, encontramos a historiografia que traz sua análise sobre textos da literatura buscando não apenas interpretar elementos de época, antes alcançar uma problematização contextualizada que inclui aspectos culturais.

Hegel foi contemporâneo de Goethe e suas publicações seguem ao espírito de sua época. Neste sentido buscar aproximações acerca de suas obras e pensamentos é relevante e profícua no universo das publicações filosóficas.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, Alexandre de Moura. *Ciência e experiência: um ensaio sobre a Fenomenologia do espírito de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GABOARDI, Ediovani Antônio. *A Fenomenologia do Espírito de Hegel: uma introdução à seção "consciência"*. Porto Velho-RO: EDUFRO, 2013.

GOETHE, Joham Wolfgang Von. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Tradução Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ed. 34, 2006.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo Meneses, com colaboração.

de Karl-Heinz Efkens e José Nogueira Machado. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2013.

TORRES, Ana Paula Repolês. Sobre a (in) certeza sensível em Hegel. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, ano 6, n. 10, jun./2009, p. 27-34.

WERLE, Marco Aurélio. Subjetividade artística em Goethe e Hegel. In: WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes (orgs.). *Arte e filosofia no idealismo alemão*. São Paulo: Bacarolla, 2009, p. 175-190.

ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução por Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.